

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NÓTULAS DE EPIGRAFIA LATINA. 1 UM TEXTO LUSITANO-ROMANO DO MUSEU DE MARTINS SARMENTO.

ALMEIDA, Justino Mendes de

Ano: 1967 | Número: 77

Como citar este documento:

ALMEIDA, Justino Mendes de, Nótulas de epigrafia latina. 1 Um texto lusitano-romano do Museu de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 77 (3-4) Jun.-Dez. 1967, p. 313-322.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Nótulas de epigrafia latina

«*Nihil novum sed nove.*»

I — Um texto lusitano-romano do Museu de Martins Sarmento.

Pelo Dr. JUSTINO MENDES DE ALMEIDA
Director-Geral de Educação do Ultramar.

Com a sua habitual gentileza, pede-me o Senhor Coronel Mário Cardozo algumas palavras a respeito de uma inscrição — ou fragmento de inscrição — existente na Secção de Escultura Antiga e de Epigrafia Latina do Museu de Martins Sarmento, de Guimarães, onde deu entrada em 1907.

Por duas razões fundamentais acedo ao pedido: a primeira, por não ter eu o direito de recusar o que me pede o Senhor Coronel Mário Cardozo, a quem a Cultura Portuguesa tanto deve e que sempre tem dado o mais benévolo acolhimento aos meus trabalhos na *Revista de Guimarães*; a segunda razão, por me ser possível, embora tardiamente e por simples recordação, prestar homenagem ao grande arqueólogo que foi Albano Bellino, falecido em Guimarães aos 43 anos de idade, em condições particularmente dramáticas e, acentuemo-lo, por amor dos estudos que cultivava. Lembremos as palavras arquivadas por Leite de Vasconcellos, na pág. 319 do vol. XI d'*O Arch. Port.* (Lisboa, 1906): «...A demolição [*das muralhas do venerando castelo*], a que Bellino, com outros raros patriotas, de Braga e de fóra, tinha em vão tentado oppor-se, determinou nelle violenta commoção moral: e o saudoso archeologo era logo em seguida acommetido de apoplexia, da qual, com outras complicações morbidas, veio a morrer em Guimarães, em 2 do corrente [*Dezembro de 1906*], na idade de 43 annos...»

Albano Bellino deixou, além de trabalhos menores e de colaboração dispersa pela *Revista de Guimarães*, por *O Archeologo Português* e pela *Portugalia*, os seguintes estudos principais (cf. Leite de Vasconcellos, refer. anterior): *Inscrições e Lettreiros da Cidade de Braga e Algumas Freguezias Ruraes*. Porto, 1895 (adquiri há pouco o exemplar oferecido pelo autor ao Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, «Archeologo Illustre»); *Inscrições Romanas de Braga*. Porto, 1895; *Novas Inscrições Romanas de Braga*. Braga, 1896; *Cartas sobre Epigraphia Romana*. Braga, 1898; *Catalogo de Moedas Romanas, Celtibericas e Visigoticas do «Museu de Guimarães»*. Porto, 1901; e *Archeologia Christã*. Lisboa, 1900.

O texto, que constitui objecto desta nótula, está insculpido num fragmento de coluna achado em Braga, em Agosto de 1905, por Albano Bellino, e oferecido, em 1907, ao Museu de Martins Sarmento pela viúva daquele archeólogo.

Referi antes as duas razões fortes que me levaram à redacção destas linhas. Se elas não existissem, e não obstante o meu grande interesse por tudo o que se relaciona com epigraphia, hesitaria em redigi-las, pois terei grande dificuldade em acrescentar alguma coisa ao que já foi dito pelo Senhor Coronel Mário Cardozo no apontamento que me enviou — e se transcreve a seguir —, tanto mais que não conheço qualquer outra referência bibliográfica do texto em causa, além da que é mencionada.

Escreve o Senhor Coronel Mário Cardozo:

«Este monumento dedicado ao imperador Marco Aurélio, que reinou desde 161 d. C. até o seu falecimento em 180, e a seu filho Cómodo, que reinou juntamente com o pai desde 176 a 180 e faleceu no ano de 192, está assim perfeitamente datado dentro dos cinco primeiros anos do último quartel do séc. II d. C.

Apareceu no pavimento térreo de uma dependência (loja com lagar) da Quinta do Conde de S. Martinho, a sul do antigo Largo das Carvalheiras da cidade de Braga. Junto, no mesmo local, appareceu outra lápide cilíndrica, esta já da segunda metade do séc. IV, dedicada a Valentiniano I (364-375) e a Valente (364-378), que reinaram simultâneamente com Graciano (367-383), filho de Valentiniano. Cer-

tamente que estes dois monumentos epigráficos vieram para ali de lugares diferentes, para serem empregados como simples materiais de construção. Também esta segunda lápide foi oferecida ao Museu de Guimarães, na mesma ocasião, pela viúva de Albano Belino.

A coluna é de granito porfiróide, conhecido vulgarmente por granito «dente de cavalo», muito duro, com incrustações de quartzo e feldspato.

Encontra-se truncada na parte superior e inferior, faltando-lhe parte da inscrição, pelo menos do lado da base. As suas actuais dimensões são as seguintes: altura, 0,67 m., diâmetro 0,46 m. A altura das letras é de 0,07 m.

Por ter aparecido em Braga, tratar-se-á talvez de um marco miliário procedente da via *Bracara-Aquae Flaviae-Asturica*. Será realmente um miliário ou poderá tratar-se de um *terminus Augustalis*, como outros conhecidos na Península (por exemplo, de Salamanca, *CIL*, 857, 858, 859, ou de León, *EE*, VIII, 131)?

A bibliografia deste monumento é insignificante: existe apenas o que citamos a p. 72 do nosso «Catálogo da Secção Lapidar no Museu de Martins Sarmiento», isto é, *Rev. de Guimarães*, vol. XXIV, 1907, p. 80 (que aliás nada adianta), e *O Archeologo Português*, vol. X, 1905, p. 119, que, num pequeno artigo de Albano Belino, intitulado *Bracara Augusta*, dá simplesmente a notícia do achado. Ignoro se em algum suplemento do *Corpus I. L.*, posterior à *Epbe-meris Epigraphica*, ou nas publicações *Année Philologique* e *Année Epigraphique* se encontra qualquer referência a esta inscrição. Pode, pois, segundo julgo, considerar-se inédita para a maioria dos epigrafistas.

Uma característica curiosa e pouco vulgar desta inscrição é conter grandes espaços deixados em branco pelo lapicida entre algumas palavras.»

Já se vê que, depois do que se escreve, se disse muito do fundamental acerca do texto brácario (porque lá achado). Mas há três aspectos a que voltaremos, por não suficientemente desenvolvidos nos trabalhos anteriores: autenticidade do monumento e da inscrição; interpretação do texto; classificação do monumento.

A) *AUTENTICIDADE DO MONUMENTO E DA INSCRIÇÃO* — Não foi posta em dúvida, nem sequer abordada, a autenticidade do monumento e da inscrição. Tudo se conjuga para os considerarmos autênticos: o material utilizado (granito da qualidade do de tantos outros monumentos da região); a regularidade do uso das *hederae distinguentes*, separando apenas os *praenomina* dos *nomina*; o tipo de letra, que, sendo característico do séc. I, se prolonga, contudo, pelo séc. II. Apenas o emprego da palavra *saeculum* com valor mais literário do que epigráfico, modificando, portanto, o formulário habitual, nos poderá causar alguma surpresa. Mas o uso do vocábulo, nessa acepção, talvez se justifique com a classificação que adiante tentaremos dar ao monumento.

Assim, e com toda a razão, a autenticidade do monumento e da inscrição nele gravada não levantou a menor dúvida a quem o achou e primeiro o estudou (Albano Bellino), ao director d'*O Archeologo Português* (Leite de Vasconcellos) e ao estudioso de *Algumas Inscrições Lusitano-Romanas da Região de Chaves* (Mário Cardozo).

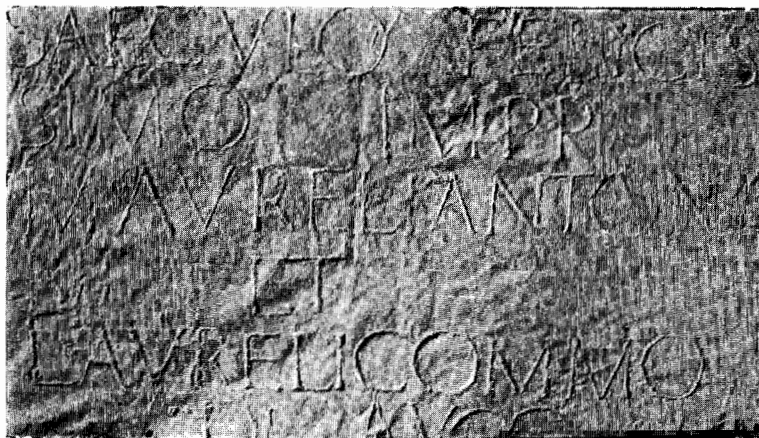
B) *INTERPRETAÇÃO DO TEXTO* — Creio que não foi dada por nenhum dos autores que até hoje se ocuparam do texto, talvez por se ter considerado uma inscrição incompleta, tornando-se, assim, difícil enquadrar no sentido geral o das linhas *quae exstant*. O sentido é fácil e evidente, não sendo já tão fácil dar ao texto forma portuguesa satisfatória.

As duas primeiras palavras são os casos dativo ou ablativo do singular do substantivo *saeculum* e do superlativo do adjectivo *felix*, respectivamente: terão uma tradução, se a inscrição for considerada, por exemplo, de carácter honorífico (dativo), mas outra muito diferente se as palavras estiveram no caso ablativo, exprimindo, por exemplo, uma circunstância de tempo. A estas palavras segue-se a abreviatura do genitivo do plural do vocábulo *imperator*, depois e no genitivo do singular, coordenados pela conjunção *et*, dois nomes completos, constituídos pelos *tria nomina*, como convinha às personagens que designam, e, por último, a abreviatura do genitivo do plural do epíteto *Augustus*.



Inscrição consagrada aos imperadores Marco Aurélio e Lúcio Cómodo.

(Museu de Martins Sarmento, Guimarães).



Detalhe da inscrição de Martins Sarmento.

A palavra *saeculum*, que apresentava também as grafias mais reduzidas *seculum* e *saeculum*, tinha em latim diferentes significações: *geração* ou *raça*, v. g. em Lucrecio, *Natureza das Coisas*, I, 21 («*efficis ut cupide generatim saecula propagent.*»: «[*Venus Criadora*], ...transmite a todos os mortais o desejo ardente de propagação da raça.»); *duração de uma geração humana* (Cícero, *República*, VI, 24); *idade, geração, época, século* (Cícero, *República*, II, 18); *moda da época* (Tácio, *Germânia*, 19); *período de cem anos* (Horácio, *Odes*, IV, 6, 42); *longo espaço de tempo* (Horácio, *Epodos*, 8, 1). Já na Decadência, é usada em Prudêncio com o significado de *mundo, vida mundana*, e, em Tertuliano, é corrente o seu emprego no sentido genérico de *paganismo*.

O adjectivo *felix*, no grau positivo ou no grau superlativo, é epíteto usado como cognome pelos Césares. Os exemplos são muitíssimos («IMP. CAES. ...M. AVRELIO. ANTONINO. PIO... FORTISSIMO. FELICISSIMO. QVE. PRINCIPI. A. BRAC. AVG. M. P. XXI»). Mas, como qualificativo de *saeculum*, não tenho presente nenhum outro exemplo epigráfico hispânico, embora acredite que os haja, pois os apontamentos de que disponho serão necessariamente incompletos na vastidão da bibliografia existente. Porém, creio poder ver na expressão epigráfica *saeculum felicissimum* um reflexo de fórmulas literárias do tipo de *saeculum aureum* (p. e., em Tácito, *Diálogo dos Oradores*, 12), e, sobretudo, de *beatissimum saeculum*, referida ao período de governação de Nerva, no cap. III da *Vida de Agricola*, do mesmo autor.

Que significado poderá ter a palavra *saeculum* no texto de que vimos tratando? Pois parece que o de *época* e, por extensão, *período de governo*, sem dúvida afortunado e bem afortunado. Porque estou convencido de que na parte superior não faltam palavras do texto e na parte inferior faltarão apenas as bases das letras da última linha (cf. *CIL*, II, 4098), ou, quando muito, a indicação da pessoa que oferece ou da entidade dedicante (cf. *CIL*, II, 4089), poderei, desde já, tentar uma versão portuguesa, a qual carece de explicação que adiante darei:

«AO TÃO FELIZ PRINCIPADO DOS IMPERADORES MARCO AURÉLIO ANTONINO AUGUSTO E LÚCIO AURÉLIO CÔMODO AUGUSTO.»

É evidente que esta interpretação há-de entender-se como uma «glorificação da tão feliz governação» daqueles «imperadores».

C) *CLASSIFICAÇÃO DO MONUMENTO* — Como deve classificar-se este monumento? No número dos «miliários» ou dos «términos»? Penso que nem nuns nem noutros. O próprio formulário ajuda a rejeitar aquela classificação. Não conheço nenhum miliário ou término hispânico com redacção idêntica à do nosso texto. Objectar-se-á que faltam palavras, mas repare-se que há um intervalo maior entre a parte superior das letras da primeira linha e o ponto do corte da coluna do que entre as diferentes linhas que se seguem; seria, portanto, natural que no intervalo entre o corte e a primeira linha houvesse ao menos vestígios de bases de letras, o que não sucede. Daí eu ter sido levado a pensar que a pedra foi «serrada» naqueles pontos onde não havia letras, tendo as partes lisas da coluna sido aproveitadas, muito mais tarde (séculos depois, estou em crer), com outra finalidade, talvez para construção ou decoração. O granito já devidamente preparado permitia grande economia de trabalho e de dinheiro.

Na parte inferior, o que falta das letras poderá ser simplesmente desgaste dos séculos.

Em conclusão, classifico este monumento do Museu de Martins Sarmento simplesmente como *honorífico*, para glorificação do tão afortunado «reinado» de Marco Aurélio Antonino e de Lúcio Aurélio Cómodo. Quer dizer: em vez de o remeter para os *varia* ou *fragmenta incerta*, prefiro incluí-lo nos *tituli honorarii*. Devo acrescentar que a palavra que mais correctamente deveria traduzir esse período de governo, seria o próprio vocábulo «século», mas, na verdade, se tal é possível ao falarmos de «século de Augusto», neste caso é por demais evidente que faríamos um emprego abusivo do termo para qualificar um período de governo correspondente a cinco anos.

Assim, honrava-se o *saeculum felicissimum* dos «imperadores», como se honrava a *temporum felicitas* (expressão que eu desejaria apontar como sinónima da primeira — *saec. felicitas*. — e que, por sinal, encontro registada no exergo de um sestércio de Cómodo, reproduzido sob o

n.º 44 por Max Hirmer em *Römischen Kaisermünzen*. Lipsia, 1942) e a *Concordia* (exemplos abundantes na epigrafia e na numismática) ou a «harmonia divinizada» de que os mesmos desfrutavam.

A característica curiosa de esta inscrição conter grandes espaços entre algumas palavras, referida pelo Senhor Coronel Mário Cardozo, explico-a pela existência de demasiado campo para um texto relativamente pequeno.

Ainda quanto à época de redacção do texto, não posso acompanhar inteiramente o que escreve o Senhor Coronel Mário Cardozo: «...Este monumento ... está assim perfeitamente datado dentro dos cinco primeiros anos do último quartel do séc. II d. C. ...»

É evidente que o texto se refere àquela época, e nela pode ter sido redigido; mas nada obsta a que tenha sido mandado lavar em tempos de Cómodo, glorificando-se assim, por meio de uma coluna insculpida e colocada *algures* para contemplação do público, *et pater et filius*. Vem até a propósito recordar o que Ettore de Ruggiero escreveu no seu *Dizionario Epigrafico* (III, F-H, p. 42. Roma, 1962): «Felicissimus — Predicato di imperatori e Cesari, frequente nelle iscrizioni, ma che, almeno in esse, non appare prima di Commodo.»

NOTA FINAL: Este trabalho foi elaborado com base em duas fotografias, magníficas, uma do original e outra de um decalque planificado, que me foram enviadas pelo Senhor Coronel Mário Cardozo. Este Senhor enviou-me também a seguinte leitura, exacta, da inscrição:

SAECVLO FELICIS
SIMO IMPP
M ♦ AVRELI ANTONI
NI ET
L ♦ AVRELI COMMO
DI AVGG

«Saeculo felicitatis/simo imp(eratorum) / M(arci) Aureli(i) Antonini/ni et/L(ucii) Aureli(i) Commo/di Augustorum)»

Termino, como comecei, por prestar homenagem a Albano Bellino, mas agora com redobrada satisfação por

me parecer que posso entrever nas palavras que deixou registadas na p. 119 do vol. X d'O *Archeologo Português* uma interpretação e, talvez, classificação do monumento que não se afastarão muito das que acabo de propor: «Teve esta consagração o seculo muito feliz do governo do pae e do filho.»

II — Ainda uma palavra acerca do auriga lusitano Gaio Apuleio Díocles.

Que saibamos, dois estudiosos puseram modernamente em relevo as proesas cometidas nos «circos» romanos, no séc. II d. C., por Gaio Apuleio, o auriga *natione Hispanus Lusitanus*: A. García y Bellido e D. Fernando de Almeida.

Dizemos modernamente, porque já no séc. XVIII o nosso António Pereira de Figueiredo, nas *Observações sobre a Lingua e Orthografia Latina, Tiradas dos Marmores, Bronzes, e Medalhas dos Antigos Cezares...* (Lisboa, 1765), se lhes referira por mais de uma vez (cf. pp. 65, 67 e 68). Pereira de Figueiredo conhecera os textos evocadores dos feitos do «aurigador», como lhe chama (ou seja, o texto de Roma, reproduzido, segundo a cópia de Smetius, no *CIL* VI, 10048), através das hoje envelhecidas colecções epigráficas:

- a) Jacobi Mazochii Epigrammata Antiquae Urbis. Romae, an. 1521.
- b) Inscriptiones Antiquae Totius Orbis Romani Industria & Diligentia Jani Gruteri. Amstelredami an. 1707.
- c) Novus Thesaurus Veterum Inscriptionum, Collectore Lud. Antonio Muratorio. Mediolani, an. 1739. 1740. 1742.

Já anteriormente Fr. Bernardo de Brito, no tomo II (Lisboa, 1609), p. 22, da *Monarchia Lusitana*, mencionara o texto prenestino de Díocles, mais tarde reproduzido também, sob o n.º 364, por Levy Maria Jordão, nas *Portug. inscrip. Rom.* (Lisboa, 1859), p. 165, com alguns erros de leitura.

Pereira de Figueiredo não se esquece de registar que os textos de Gaio Apuleio são «mármore de Adriano», *imperator natione Hispanus*, pormenor que não é de desprezar, posto em correlação com a naturalidade de Gaio Apuleio: *Hispanus Lusitanus*. Entre outras anotações, lembra ainda a interpretação de Muratori da 7.^a linha de um dos textos (o de Roma): ET VICI PRAEMIA M.LI. XLI («In septima linea Siglae referre videntur palmas primas M.LI. secundas XLI.»).

De Gaio Apuleio se ocuparam mais recentemente, como dissemos, García y Bellido e D. Fernando de Almeida.

Com base nos textos hoje recolhidos no *CIL*, VI, 10048, e XIV, 2884, evoca-se a carreira estrondosa e densa de triunfos do *omnium agitatorum eminentissimus*, em artigo publicado na revista *Nummus*, vol. I, n.º 2, pp. 81-91 (Porto, 1953) pelo estudioso da Nação vizinha; D. Fernando de Almeida, por sua vez, consagra-lhe duas páginas (72-73) do seu tão interessante trabalho *Ruínas de Miróbriga dos Céltricos (Santiago do Cacém)*, Lisboa, 1964.

Não vejo, porém, que alguém se tenha preocupado com o cognome de Gaio Apuleio: *Diocles*. Por que razão o teria adoptado ou lhe teria sido posto?

Diocles, na forma portuguesa preferível a Diocles, resulta do grego *Διοκλῆς* por intermédio do latim *Diocles*. Antropónimo homérico, reproduzido pelos autores subsequentes, registam-no como tal os lexicógrafos da língua grega, não faltando as abonações na literatura helénica (cf. A. Bailly, *Dict. Grec-Français*, s. v.). Trata-se de um nome composto por *Διός* (gen. de *Ζεύς*) e *κλέος*, que pode aproximar-se destoutro, nome de vencedor nos Jogos Ístmicos e em Delfos, *Διοκλῆων* (de *Διός* e *κλέος*), Diofonte, em Simónides (frags. II, 151, de Diehl). Na verdade, aos vencedores alguma coisa os aproximava dos deuses.

Não haveria uma razão especial que determinasse a escolha desse cognome para Apuleio? Dúvida que me assalta e para a qual ainda não encontrei resposta.

No entanto, relendo há dias passos dos chamados *Hinos Homéricos*, na edição, que possuo, de Augusto Baumeister (Lipsia, 1901), anotei no verso 474 do hino

a Deméter⁽¹⁾ uma referência a *Διοκλῆς πλήξιππος* (em dativo). Já antes, no verso 153, se faz menção do antropónimo, mas sem epíteto.

Pergunto: não seria esta tradição literária de um Díocles «dominador de cavalos» que teria determinado o cognome de *Diocles* para Gaio Apuleio, que era afinal *πλήξιππος*?

Desejariamos, assim, ver em *Diocles*, nos *tria nomina* de Gaio Apuleio Díocles, um *cognomen ex virtute*, que os «lusitanos» de hoje rememoram com orgulho só igualado pelo calor com que o saudaram e glorificaram os «romanos» do séc. II d. C. Por esta razão lhe consagraram a atenção que merecia os dois estudiosos a que há pouco nos referimos: García y Bellido e D. Fernando de Almeida.

(1) Por sinal que a referência a Díocles já era conhecida por intermédio de Pausânias, antes de o alemão Matthaei descobrir, em 1777, na biblioteca de S. Petersburgo, o manuscrito do *Hino a Deméter* que passou a ser designado nas edições críticas por *codex Moscoviensis*. Até então, só se conheciam dele três versos, conservados em Pausânias, II, 14 (cf. Louis Dimier, *Les Hymnes Homériques*, pp. XLIV e 129, Paris, s. a.).